

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 05

Data: 15/02/76

Pg.: _____

Atacar os brancos, última opção

A sobrevivência dos índios urubus kaapor, que habitam uma área de 623 mil hectares localizada na reserva florestal do Gurupi, está ameaçada pela invasão de suas terras por garimpeiros que recentemente descobriram ouro na região. Esse talvez se constitua o principal motivo para a briga de limites entre a Funai e uma companhia de colonização subsidiária da Sudene existente na área. Em uma primeira demarcação, os índios foram obrigados a abandonar as terras que habitavam, porque elas passaram a pertencer à empresa. Depois de algum tempo a Colone — esse o nome da companhia — quis avançar mais os limites, provocando nova mudança dos urubus. Irritados, eles decidiram voltar para as antigas terras, onde resistem às investidas da Funai, que tenta convencê-los a mudar. Enquanto a questão não é resolvida, a reserva dos urubus está sendo inteiramente tomada por colonos e grileiros (já existe até mesmo um povoado com cerca de duas mil pessoas), pois a Funai não tem forças para impedir a ocorrência das invasões.

Na mesma região habitam os índios Guajás, um grupo arrêdio que insiste em se manter afastado da frente de atração da Funai. Eles, que sempre habitaram a região do rio Turiaçu, próximo à divisa com o Pará, estão se dispersando por toda a área de floresta ainda existente no interior maranhense, sendo frequentemente avisados nas agropecuárias existentes próximo à reserva dos guajajaras. Nem por isso a Funai já se dispôs a enviar uma expedição para essa área e evitar que o contato — quase sempre danoso — dos índios com os trabalhadores das fazendas se acentue. A história dos guajás é cercada de mis-

érios pela delegacia, que até hoje não explicou suficientemente a razão da morte de 17 deles, durante o primeiro contato havido com a frente de atração, em 1973.

Os timbiras estão encurralados pelos fazendeiros, como de resto os índios de praticamente todas as reservas maranhenses, vítimas de uma situação fundiária irregular. Localizada a menos de 20 quilômetros do município de Amarante do Maranhão, sua reserva está cortada por uma estrada, que os expõe a um contato direto com a população ao seu redor. Ninguém tem mais dúvidas de que a falta de uma presença mais representativa da Funai na área — aliada a outros fatores, como a situação fundiária — foi o principal motivo do ataque de um fazendeiro à aldeia desses índios. Eles estão revoltados, dispostos mesmo a vingar a aldeia destruída, talvez até contando para isso com a ajuda dos guajajaras e krikatis, estes últimos inteiramente marginalizados entre as populações dos povoados próximos.

A situação mais grave, entretanto, continua sendo a dos índios guajajaras, que não se conformam em perder as últimas terras ainda em seu poder. Eles, principalmente, pou-

co esperam da Funai, resultado da política de "parcimônia" com que o órgão tentou dirigir a sua luta, no ano passado. E a ocorrência de novos conflitos é iminente. A maior parte dos colonos que moravam no antigo povoado de Marajá, voltou a plantar naquelas terras, em virtude da contradição da própria Funai. O antigo funcionário Mário Lima, indagado pelos colonos se poderiam arrendar as terras dos índios, não soube o que dizer e prometeu verificar melhor a possibilidade junto à delegacia. Foi o suficiente para que os colonos voltassem a plantar, provocando a irritação dos guajajaras, que já advertiram: se na é pouca das colheitas eles ainda se acharem ali, as plantações serão queimadas.

A poucos quilômetros dali, os guajajaras do posto Bacurizinho, juntamente com um grupo de kanelas que mora por perto, brigam com o fazendeiro Yukio Akashi, que disputa parte de suas terras, onde fica localizada uma reserva de taico. A questão encontra-se na Justiça Federal no Maranhão e ainda não foi resolvida também porque a Funai não conseguiu juntar dois topógrafos para acompanhar a demarcação determinada pelo juiz. Enquanto isso não ocorre, Akashi tenta cercar a área, no que é sem-

pre frustrado pelos índios, que até já pensam em matá-lo.

A situação não difere no posto Canabrava, onde a Funai tentou sem sucesso um acordo com os padres capuchinhos, que reivindicam uma área de nove mil hectares dentro da reserva. Diversos acordos já foram propostos, mas os índios não aceitaram. Eles querem toda a sua terra de volta. Agora, ao que parece, eles perderam definitivamente a paciência: reunidos, os 11 caciques do posto que são favoráveis à retirada dos brancos (das outras aldeias, localizadas próximas da estrada, são favoráveis a um acordo) decidiram que esperarão apenas até maio por uma solução pacífica. Se nada mudar, eles prometem atacar.